

## Memórias da Imprensa Esportiva do Rádio em Brasília <sup>1</sup>

Ellis Regina Araújo da Silva<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF.

### RESUMO

Este estudo aborda aspectos de fatos históricos do jornalismo esportivo no rádio brasileiro. Trata dos primeiros anos do veículo na capital federal e documenta a consolidação desse jornalismo, especialmente, na década de 1970 com a ascensão do esporte local, e o surgimento da Associação Brasileira de Cronistas Desportivos (ABCD) e depois, em 1990, com a intensificação da cobertura jornalística pelo rádio. Para isso, resgata memórias dos protagonistas de ações pioneiras ensejadas por profissionais do jornalismo a partir do fim da década de 1950. Destaca-se o processo de inauguração do rádio na cidade e as primeiras transmissões e o papel social do veículo essencial para integração do novo Distrito Federal.

**PALAVRAS CHAVE:** Jornalismo esportivo; rádio Nacional; futebol; imprensa esportiva.

### Introdução

As memórias sobre a história da imprensa esportiva brasileira nas emissoras de rádio estão quase todas circunscritas a relatos orais e a documentos pertencentes a arquivos particulares. Este trabalho tem como objetivo recuperar aspectos dessa história. Nesse sentido, apoia-se na investigação empírica por meio da coleta de depoimentos em entrevistas. O material colhido foi analisado buscando-se preservar as vivências e realizando comparações entre os dados obtidos. Aspectos da experiência individual dos atores que construíram essa história constituem narrativas ligadas à memória e às histórias pessoais. Assim, o enfoque principal é mostrar o surgimento da imprensa esportiva do rádio em Brasília a partir das impressões daqueles que vivenciaram essa história.

Este ano possui um significado especial para o rádio brasileiro. São noventa anos de história. Além disso, no início de 2012, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco) instituiu o dia internacional do rádio<sup>3</sup>. A entidade publicou uma lista com quinze ideias para se comemorar a data. Uma delas é a realização de entrevistas

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, doutora em Comunicação (UnB), professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), ellis.regina@gmail.com.

<sup>3</sup> A data escolhida para a comemoração foi 13 de fevereiro, em lembrança à criação da rádio ONU, em 1946.

com personalidades do rádio.<sup>4</sup> Neste sentido, para realizar esta pesquisa, foram entrevistados os profissionais Jorge Martins, André Luiz Mendes, Carlos Alberto de Macedo Paes, Marcelo Ramos e Ailton Dias, radialistas e jornalistas que, por sua importância na imprensa esportiva brasileira, terão os nomes homenageados junto com o jornalista Nilson Nelson na Enciclopédia do Rádio Esportivo Brasileiro, uma produção coletiva do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora, com organização das pesquisadoras Nair Prata e Maria Cláudia Santos.

As entrevistas foram semiabertas e realizadas de janeiro a fevereiro de 2012 a partir do objetivo delimitado de resgatar as memórias sobre a história da imprensa esportiva no rádio brasileiro. Para isso, circunscreveram-se os períodos das décadas de 1950, 1970 e 1990 como momentos de investigação. A primeira por ter sido a década de início do rádio na nova capital, a segunda pela ascensão do futebol brasileiro e pelo surgimento da Associação Brasileira de Cronistas Desportivos (ABCD) e a terceira em razão de ações bem sucedidas da cobertura esportiva da imprensa brasileira com os *guerreiros do futebol*.

### **A Voz de Brasília e a Rádio Nacional**

Mesmo antes do surgimento da primeira emissora de rádio brasileira, em 1957, já existia na capital um serviço de alto-falante, com funcionamento semelhante ao de uma emissora de rádio, conhecido como *A Voz de Brasília*. Essa precursora do rádio brasileiro também era conhecida como o *Pau que Fala*, já que os alto-falantes ficavam dispostos em postes de luz. Na época, era o único tipo de comunicação que havia em Brasília.<sup>5</sup> O alto-falante funcionava na Cidade Livre, hoje conhecida como Núcleo Bandeirante, uma das mais antigas ocupações da época de construção do novo Distrito Federal. Desde o início de Brasília e até hoje, na Cidade Livre, existem quatro avenidas: a primeira, a central e a segunda e terceira avenidas. Havia quatorze cornetas distribuídas nessas ruas. Assim, a cidade inteira podia ouvir os alto-falantes. Os textos lidos na rádio eram escritos e datilografados por Carlos Menezes Sena responsável pela programação, que incluía músicas

---

<sup>4</sup><http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/events/prizes-and-celebrations/celebrations/world-radio-day/15-ideas-on-how-to-celebrate-world-radio-day/> Acesso em 21/06/2012.

<sup>5</sup> <http://www.radionacional.am.br/> Acesso em 20/06/2012.

oferecidas aos aniversariantes, aos saudosos de suas cidades e àqueles que desejavam fazer amizade. Havia também o serviço de utilidade pública (GONÇALVES, 2007) <sup>6</sup>.

As empreiteiras que realizavam obras para a nova capital usavam o serviço para requerer pintores, marceneiros, pedreiros e outros profissionais. Nesse tempo, o serviço de alto-falante também realizava um importante trabalho: avisava aos trabalhadores e comerciantes locais sobre a existência de incêndios. Durante a construção de Brasília, era comum esse tipo de incidente ocorrer nas acomodações construídas de madeira, pois ainda não havia construções de alvenaria.

Assim, a rádio improvisada auxiliava comerciantes, empreiteiros e trabalhadores naqueles tempos difíceis noticiando as emergências para evitar que o fogo se propagasse rapidamente e os prejuízos fossem maiores.

Mas foi somente no dia 31 de maio de 1958 que os candangos puderam ouvir o discurso do então presidente da República Juscelino Kubitschek inaugurando a primeira emissora de Brasília, a rádio *Nacional* AM. “*Das vertentes amazônicas às Coxilhas Gaúchas, e dos contrafortes andinos ao litoral atlântico, Brasília fará ouvir a sua voz, a partir deste momento, graças aos possantes transmissores da Rádio Nacional, que ora inauguramos.*”, pronunciou o presidente. <sup>7</sup>

As transmissões foram possíveis graças às antenas e transmissores instalados na região do Rodeador a quase quarenta quilômetros do centro de Brasília <sup>8</sup>. O som da emissora chegou com qualidade não só ao Plano Piloto, mas por meio das Ondas Curtas e Médias a todo o Brasil.

A partir disso, Brasília tornou-se conhecida em outros estados, o que foi muito importante para os candangos que na nova capital viviam. A programação da emissora ia além da transmissão via rádio. Em um auditório, trabalhadores e familiares podiam acompanhar a apresentação de programas, de artistas e de uma orquestra especialmente formada para a *Nacional* de Brasília.

A primeira sede da rádio funcionava na entrequadra 507/508 da w3 Sul, no Plano Piloto, em um prédio de madeira que possuía esse auditório com capacidade para 450 pessoas. Dez músicos do Rio de Janeiro comandados pelo maestro Izac Coleman

---

<sup>6</sup> Em 2007, a autora orientou o trabalho de conclusão de curso de Mônica Cardoso Gonçalves cujo conteúdo retrata os primeiros anos do rádio em Brasília por intermédio de entrevistas concedidas pelos radialistas que vivenciaram esse momento.

<sup>7</sup> <http://www.radionacional.am.br/> Acesso em 20/06/2012.

<sup>8</sup> <http://radioagencianacional.ebc.com.br/assunto/r%C3%A1dio-nacional-de-bras%C3%ADlia> Acesso em 20/06/2012.

constituíam a pequena orquestra que se apresentava na emissora, dentro do espírito idealista do fundador da primeira emissora de rádio brasileira, Roquette-Pinto, “Trabalhar pela cultura dos que vivem em nossa terra e pelo progresso do Brasil”.

Dessa maneira, a rádio tornou-se o veículo que trouxe vida cultural à cidade e o meio possível para o candango falar com seus familiares no Centro-Oeste, no interior de Goiás e Minas Gerais, e, mesmo, no Norte e Nordeste do país. Nesse contexto, a emissora recebia cartas dos trabalhadores para localizar parentes, que escreviam de vários estados querendo notícias de familiares. Por esse motivo, a rádio, que servia de divulgação de Brasília em todo o Brasil, tornou-se era uma paixão do operariado.

### **O jornalismo esportivo no rádio e a chegada dos primeiros profissionais da imprensa a Brasília**

Como descreve Ferraretto (2001), o esporte no rádio remonta à década de 1920 e o autor aponta 1931 como o ano em que ocorreram as primeiras transmissões de jogos de futebol no país. A importância do esporte no dia a dia das emissoras, segundo Ferraretto, pode ser atestada pela constatação de que o primeiro setor organizado para a cobertura esportiva antecedeu o surgimento de redações estruturadas para noticiário.

Já em 1947, a rádio *Panamericana* havia implantado o departamento de esportes, com uma equipe formada por locutores, comentaristas e repórteres para a cobertura diária dos eventos esportivos. Foi o início da especialização em esporte em emissoras de rádio. Só depois da *Panamericana* é que as transmissões de futebol e de outros esportes passaram de um homem só para uma equipe. No começo, era o locutor sozinho que abria a transmissão. Quando chegava ao intervalo, a ordem era tocar música porque não havia comentarista. Depois, o locutor fazia o segundo tempo e encerrava a transmissão. A *Panamericana* criou a figura do comentarista e depois dos repórteres de campo e mudou o ritmo de transmissão (FARIA, 2000).

O radiojornalismo esportivo brasileiro ganhou impulso em 1950, quando se realizou no país o Campeonato Mundial de Futebol. Desse modo, com a chegada do rádio a Brasília, a cobertura esportiva é uma continuidade natural de um processo nacional. Assim, a primeira emissora implantada na cidade já nasceu com o desafio de transmitir a Copa do Mundo de 1958. Enquanto na Suécia a seleção conquistava o primeiro título mundial, com Garrincha, Vavá, Pelé e Zagalo, os brasileiros estavam sintonizados na emissora.

Vários profissionais do jornalismo deixaram seus estados para trabalhar na nova capital. Três anos antes da inauguração, em 1957, jornais de todo Brasil convocavam jornalistas para trabalhar no novo Distrito Federal. Aos poucos, eles foram chegando (LEITE, 2009). Foi assim que o então estudante de direito Jorge Martins acabou vindo do Rio de Janeiro para Brasília. Na época, era servidor do antigo Tribunal Federal de Recursos (TRF) e foi escalado para verificar as condições das moradias que acomodariam os trabalhadores do Tribunal que viriam para cidade. Logo depois, ocorreu a transferência permanente de Jorge.

Foi na nova capital que Jorge Martins iniciou a trajetória de pioneiro da crônica esportiva brasileira. Assim que chegou, criou a coluna que escreveu até sua morte em maio de 2012. Para denominá-la, escolheu o nome *Crocodilo* inspirado na designação de um periódico russo editado em várias localidades da antiga União Soviética para fugir do crivo da KGB, a polícia secreta russa. O sucesso da coluna foi instantâneo e logo passou a ocupar a página inteira do jornal *Diário de Brasília*. Assim, começou a crônica esportiva que, por mais de quarenta anos, trouxe notícias e comentários aos brasilienses.

Em 1966, a coluna também foi lançada no rádio, na primeira emissora privada brasileira, a rádio *Alvorada*, cujo sócio-fundador era Carlos Menezes Sena, o idealizador do antigo serviço de alto-falante da capital, *A Voz de Brasília*.<sup>9</sup>

Jorge Martins foi chamado pelo jornalista e radialista Paulo Roberto de Carvalho que criou as bases da emissora responsável por programas que se tornaram bastante conhecidos em Brasília tais como *Os Cobra da Notícia*. O programa cujo *slogan* era “Não somos melhores nem piores que ninguém, somos os cobras da notícia” adquiriu importância porque funcionava como uma tribuna na qual as pessoas faziam reclamações e reivindicavam direitos.<sup>10</sup> A rádio *Alvorada* de Brasília foi inaugurada no dia 08 de dezembro de 1962 e tornou-se um fenômeno de audiência na cidade.

Logo depois, a crítica esportiva de Jorge Martins foi levada para antiga rádio *independência*, hoje rádio *Capital* de Brasília. Essa emissora foi responsável também por receber outro profissional pioneiro no jornalismo esportivo da capital. O radialista Marcelo Ramos começou na emissora com a *Hora certa*. Depois, em 1977, passou a ter o próprio programa *Doutor Sabe Tudo*, que recebia esse nome porque nele o radialista esclarecia dúvidas e curiosidades dos ouvintes.

<sup>9</sup> Informações obtidas em entrevista com o jornalista em fevereiro de 2012.

<sup>10</sup> <http://agenciabrasil.abc.com.br/noticia/2002-09-10/radio-no-brasil-completa-80-anos-0> Acesso em 20/06/2012.

O êxito de *Doutor Sabe Tudo* levou o radialista a transmitir o *Almoço Musical com Roberto Carlos*. O programa que, de início possuía 30 minutos e, com o sucesso, passou a contar com duas horas diárias de programação. Em 1980, mudou de nome e passou a se chamar *O Povo e o Poder*, que está no ar há mais de trinta anos.

Foi na rádio Capital que Marcelo Ramos tornou-se conhecido como *repórter do povão* e lançou *Marcelo Ramos e os guerreiros do futebol*. Com sua equipe, o radialista acompanhou as partidas dos clubes brasilienses pelo país afora e, por muitas vezes, comandou a única equipe esportiva do rádio a fazer a cobertura de determinada partida. Mesmo quando a TV não estava lá com a cobertura jornalística, a rádio *Capital* cumpria a missão de transmitir o jogo.<sup>11</sup>

“Nós estávamos lá. O árbitro, assim, ficava mais atento, porque sabia que havia uma equipe de esporte transmitindo o jogo. Temia que uma iniciativa dele pudesse prejudicar o time local. Os jogadores tinham o maior carinho por nós. Nossa maior contribuição foi transmitir, divulgar e fazer com que nosso futebol de Brasília pudesse ser conhecido no DF, no entorno e em outras partes do Brasil”.

O auge dessa trajetória ocorreu na década de 1990, quando a rádio *Capital* foi a única emissora que acompanhou todos os jogos do clube brasiliense Gama em diversas localidades do Brasil. Foi assim que a cobertura do dia a dia dos times do futebol do Distrito Federal ganhou mais destaque e um maior número de profissionais da imprensa envolvidos nesse trabalho. Conforme testemunhou o radialista Ailton Dias, a rádio *Capital* era, nessa época, “a dona da audiência do futebol” em Brasília, e isso já podia ser visto na segunda metade da década de 1980, quando a emissora cobria os campeonatos locais, e depois passou a fazer também campeonatos brasileiros,

“fizemos as eliminatórias das copas do mundo em 1985. Fomos para Argentina, Paraguai. Onde o Brasil foi, nos fomos, pela rádio Capital. Quando assumi a posição de titular, a empresa possuía três grandes narradores, mas eu tive paciência e sempre acreditei na minha maneira de trabalhar, não vou dizer que eu sou um excelente narrador, mas sou uma pessoa séria, cumpridora dos meus deveres.” (Entrevista concedida à autora em fevereiro de 2012).

Isso tem um significado importante principalmente ao se levar em conta as características bem particulares dessa cobertura, já que, na capital, o futebol necessita de estrutura, patrocínio e investimentos, conforme descreveu o jornalista Jorge Martins,

“É sempre uma luta, falta apoio maior das empresas, as rádios aqui e alguns jornalões vivem da Publicidade do governo e, quando ele falta, a crise é grande. Os jornalões e as emissoras de TV conseguem sobreviver, mas,

<sup>11</sup> Informações concedidas à autora durante entrevista com o radialista em janeiro de 2012.

geralmente, o pessoal do esporte do rádio sofre mais. As emissoras não têm interesse em manter uma equipe, as equipes são obrigadas a arrendar espaço. A cada ano, as emissoras acham que deveriam receber um pouco mais. O pessoal tem de viver correndo.” (Entrevista concedida à autora em fevereiro de 2012).

Essa ascensão da cobertura jornalística do esporte brasileiro, especialmente do futebol, não é um fenômeno isolado nas décadas de 1980 e 1990. Já nos anos 1970, um acontecimento em particular mudou o cenário esportivo da cidade, foi o surgimento do CEUB Esporte Clube, time criado na época com a finalidade de formar, preparar e desenvolver equipes do Centro de Ensino Unificado de Brasília, estabelecimento de ensino superior privado criado na década de 1960 (ALBERTO, 1998). O time se notabilizou por ter sido a primeira equipe brasileira de futebol a disputar o campeonato nacional, na década de 1970.

Foi nesse período que a rádio *Nacional* de Brasília transmitiu a primeira e única corrida de Fórmula 1 realizada na capital durante a inauguração do autódromo de Brasília, em 1974. Segundo descreve o radialista Carlos Alberto de Macedo Paes<sup>12</sup>, esse foi um tempo considerado de ouro para a crônica esportiva brasileira. Entre 1973 e 1978, somente a rádio *Nacional* de Brasília contava uma equipe esportiva de 32 profissionais. O time do CEUB estava em destaque, e o público no campeonato brasileiro era estimado em oitenta mil pessoas.

A imprensa brasileira contava, nessa época, com uma equipe consagrada como do primeiro escalão do jornalismo esportivo brasileiro. A Coluna *Crocodilo* na crônica esportiva “Um pouco de cada um” publicada em setembro de 2011 traz a relação de alguns desses profissionais, dentre eles, Rosalvo Azevedo, comentarista da rádio *Nacional* nas transmissões esportivas do Campeonato Brasileiro; Wanderley Mattos, apresentador e comentarista da *TV Brasília*, com programações voltadas para o futebol e esporte amador; Nilson Nelson, que fazia transmissões esportivas para rádio *Nacional*; José Natal, colunista e editor de esportes do *Correio Braziliense* por cerca de dez anos, sempre voltando suas colunas para o futebol candango e nacional; Aranha Araújo, comentarista da rádio e *TV Nacional* nas campanhas do futebol brasileiro de 68 a 72; Sergio Oliveira que atuou como repórter por vários anos na cobertura do Campeonato Brasileiro para a rádio *Nacional*; Sylvio Guedes, Jornalista-Detentor de três coberturas da Copa da Fifa, e um dos repórteres do *Correio Braziliense* e do *Jornal de Brasília*; Irineu Tamanini que atuou por mais de 12

---

<sup>12</sup> Entrevista concedida à autora em fevereiro de 2012.

anos na editoria de esportes do *Correio Braziliense* cobrindo o futebol nacional e brasileiro e fazendo matérias especiais, sendo o primeiro jornalista brasileiro a publicar matéria de âmbito nacional sobre a homossexualidade no futebol (*Correio Braziliense*, 1977); Cid Jorge que atuou em várias emissoras, como chefe de equipes de esportes; Kleiber Beltrão que foi chefe de várias equipes, entre elas a da rádio *Nacional*.

“A coluna, na oportunidade, absolutamente não se esqueceu de relacionar outros tantos notáveis profissionais da mesma época, dentre eles, Irlam Lima (*Correio Braziliense*), Luizinho Mendonça (*Correio Braziliense* e *TV Globo*), Nelson Mota Gomes (*Correio Braziliense* e *TV Globo*), Mauro Naves (*Correio Braziliense*, atualmente na *TV Globo*), dos pioneiríssimos e verdadeiros baluartes do nosso futebol Agostinho Lima, Ailton Dias, Marcelo Ramos, Jaércio Barbosa, Chico Legal, Paulo Cunha, Andre Luiz Mendes, Gustavo Mariani, Antonio Otoni, Ayrton Maia, Ari Moisés, Paulo Roxo, Silvio Linhares, Carlos Nascimento, Edmar Soares, Marcio Ferreira, Waldir Almeida, e outros tantos queridos companheiros (guerreiros) na luta do dia a dia em favor do futebol e esporte candango, os quais, por questões diversas, não acompanharam a seleção nas suas etapas da Copa, até mesmo em razão da chamada logística de cobertura dos seus respectivos órgãos. A relação - reitero – objetivou destacar apenas aqueles que cobriram Copas do Mundo para a crônica candanga. Ou seja: fazer ver a todos que a crônica brasileiro sempre foi forte. E que absolutamente começou a partir do acesso do Gama na elite futebol da CBF, em 2000. É isso aí!”<sup>13</sup>

### **A Associação Brasileira de Cronistas Desportivos**

Nessa conjuntura de ascensão da cobertura esportiva em Brasília, surgiu uma entidade para representar os profissionais da área. Isso ocorreu em 8 de maio de 1975, quando foi fundada a Associação Brasileira de Cronistas Desportivos (ABCD).

A associação foi criada pelos jornalistas Jorge Martins e Nilson Nelson. Gaúcho, Nilson Nelson foi para Brasília em 1963 e, logo depois, ingressou na rádio *Nacional* de Brasília de onde só saiu em 1987, ano em que morreu. Em razão do trabalho que realizou pelo esporte amador na capital, o nome do jornalista, há mais de duas décadas, identifica o ginásio que abriga eventos esportivos e culturais do Distrito Federal. Assim, hoje, em lembrança ao trabalho do jornalista, todos que chegam à capital encontram na área central, próximo ao palácio do governo local, o ginásio Nilson Nelson. Ele foi um dos maiores apoiadores do time brasileiro do CEUB e entristeceu-se profundamente com o fim do clube, em 1976, por problemas com a Federação Metropolitana de Futebol da época. Nilson Nelson também era conhecido nas narrações pela grande presença de espírito como registra a coluna *Crocodilo*:

<sup>13</sup> <http://www.abcdesportes.com.br/2011/09/crocodilo-70/>. Acesso em 21/06/2012.



“Local: Estádio Pelezão. Campeonato Nacional. No gramado, Ceub e Bahia. Na narração, comentários e repórter de campo, da TV, Nilson Nelson, Jorge Martins e Juanito Bernardes, respectivamente. Para anunciar o gol de um time, antes de usar o tradicional berro de Golllllllllllllll usado pelos locutores, o Nilson Nelson primeiro se utilizava do seu criativo “É issssso aiiiii!”, para só depois, então emendar o grito de gol. Num chute do Xisté contra o gol do Bahia, vendo a rede balançar, o Nilson não titubeou:- É issso aiii!.... Antes que concluísse, o Juanito, que estava atrás do gol do Bahia, alertou:- Nilson, não foi gol. A bola bateu na rede pelo lado de fora. No que o Nilson emendou:- É isso aiiii, Xisté! Vai tentando que ela acaba entrando!”<sup>14</sup>

Essa presença de espírito e a preocupação social com o esporte candango fizeram com que o jornalista se unisse a Jorge Martins para criar a ABCD com a finalidade de reunir jornalistas e radialistas, inclusive os da área técnica, que atuam em veículos de comunicação nas coberturas esportivas.

Como expõe o radialista André Luiz Mendes, o brasiliense ainda “não tem amor próprio no esporte”. Ele diz acreditar que a cidade não possui uma identidade esportiva, e os dirigentes, em sua maioria, vieram de fora da cidade, por isso não acreditam nos campeonatos esportivos de Brasília e, assim, não se cria uma tradição, “no futebol, temos de matar um leão todos os dias, não tem bilheteria, sócios, investimento.”<sup>15</sup>. André começou no rádio aos 14 anos, com a tarefa de puxar os fios dos microfones usados pelos repórteres de campo. Na década de 1980, ingressou na rádio *Nacional* de Brasília, onde conseguiu alçar a posição de assistente de produção na rádio e onde atua até hoje como narrador esportivo.

Com pouco patrocínio, principalmente o rádio esportivo enfrenta dificuldades para sobreviver em Brasília, como resalta Jorge Martins, “é uma luta constante para estar atrás de patrocínio e tentar engrandecer o noticiário do rádio”. Nesse sentido, a ABCD cumpre o papel de representar os profissionais junto aos órgãos públicos, sindicatos, empresas, instituições, confederações, federações, clubes esportivos profissionais ou amadores. Conforme está escrito no seu histórico de criação, a entidade busca defender os interesses para livre exercício da profissão de cronista esportivo, como o acesso em todas as dependências, estádios, ginásios e praças esportivas públicas e privadas. A associação busca ainda o cumprimento das leis e dos regulamentos, que visam melhorar as condições de trabalho dos cronistas esportivos brasilienses e o aperfeiçoamento de suas atividades.

“É uma luta constante para fortalecer o esporte que já teve grande chance de se consolidar, com o CEUB e depois com o Gama. A cidade toda se

<sup>14</sup> <http://www.agoraesportes.com.br/html/piadas.asp?pagina=2> Acesso em 22/03/2012.

<sup>15</sup> Entrevista concedida à autora em fevereiro de 2012.

reunindo em torno do time para que ele entrasse no campeonato nacional e no final das contas, alguma coisa dá errado<sup>16</sup>. Agora, apoiamos o brasileiro, mas também queremos outros clubes no campeonato brasileiro séries a e b. Isso gera mais emprego, gera mais movimentação na cidade, patrocinadores se aproximam mais, porque é uma série melhor. (Entrevista de Jorge Martins concedida à autora em Fevereiro de 2012).

Assim, A ABCD, dentre as suas atividades, está credenciada para a promoção de cursos, seminários, palestras, congressos e outros eventos, que possam melhorar a formação cultural, social e profissional de seus associados. Para isso, instituiu prêmios, diplomas, comendas, medalhas para apoiar a difusão do esporte brasileiro. Está no preâmbulo do código de ética da associação a importância desse reconhecimento social:

“O trabalho é um componente fundamental na vida da maioria das pessoas adultas. É importante para todos os profissionais como meio de sustento de sobrevivência, de acesso a bens. Para o cronista esportivo é também importante como espaço para o desenvolvimento de seu potencial e de sua busca de reconhecimento social.

Somos seres competitivos mas que seguem regras emanadas da sociedade humana. Algumas dessas regras são escritas: constituições, leis, códigos, etc.; outras são regras não escritas, mas aceitas como válidas e estabelecidas pelo costume, como as regras de boa educação, por exemplo. Elas nos afetam e estabelecem limites que deveriam ser iguais para todos. Espera-se dos cronistas esportivos que sejamos cidadãos e profissionais conscientes, com direitos e obrigações claras, e dispostos a cobrar e ser cobrados”<sup>17</sup>.

### **O papel social do rádio e as memórias da imprensa esportiva**

Brasília surgiu no Planalto Central e foi integrada pelo rádio que nasceu junto com as obras da cidade. Desde o começo, o veículo cumpriu um importante papel social. Quando o primeiro serviço de alto-falante a *Voz de Brasília* apareceu, em 1957, o veículo participou ativamente da construção de Brasília com o trabalho de utilidade pública que auxiliava no andamento das obras e beneficiava trabalhadores e empreiteiras. Depois, com a rádio *Nacional*, formou-se uma vida cultural na cidade que foi divulgada em todo país pelas Ondas Médias e Curtas da emissora. Destaca-se ainda a rádio *Alvorada* que conseguia falar com intimidade à população e trazia para os noticiários o relato dos problemas da cidade. A rádio *Capital*, por sua vez, desenvolveu e intensificou a cobertura jornalística do esporte local.

<sup>16</sup> Botafoguense ardoroso, mas apaixonado pelo futebol brasileiro, Jorge Martins conseguiu reunir duzentas mil assinaturas para que o Gama permanecesse na primeira divisão do campeonato brasileiro de 2000. Em 1999, o clube entrou na Justiça comum para continuar na primeira divisão, já que havia sido rebaixado no lugar do Botafogo. O jornalista foi quatro vezes presidente da ABCD e junto com o jornalista Nilson Nelson foi também um dos fundadores da Associação Brasileira de Cronistas Esportivos (Abrace).

<sup>17</sup> <http://www.abcdesportes.com.br/codigo-de-etica/> Acesso em 26/06/2012.

O rádio por suas possibilidades tais como o poder de sugestão, comunicação afetiva, empatia e relação de identificação assumia, assim, aspecto humanizado e comunitário. Ele era o grande instrumento de comunicação que facilitava a vida da cidade e assim se tornava um meio de conagração. Identificava-se, dessa maneira, o espírito promotor do desenvolvimento defendido por Mario Kaplún (2008, p.81), o rádio como instrumento de educação e cultura populares.

Este estudo destaca o trabalho dos profissionais que atuaram como precursores da imprensa esportiva candanga, cuja história merece ser reconstituída e organizada formalmente com o registro escrito do relato dos pioneiros. De geração em geração, a história da imprensa esportiva em Brasília tem sido contada oralmente. Com o desaparecimento dos jornalistas e radialistas que protagonizaram essa trajetória, essas memórias podem ser apagadas.

## **REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA**

ALBERTO, Péres. História do Centro de Ensino Unificado de Brasília. Brasília: André Quicé, 1998.

FARIA, Álvaro Alves de. Jovem Pan- Brasil. São Paulo: RG editores, 2000.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sabra Luzzatto, 2001.

GONÇALVES, Mônica Cardoso. Os primeiros anos do rádio em Brasília. Brasília: 2007. Monografia (Faculdade de Comunicação). Centro Universitário de Brasília.

KAPLÚN, Mario. A natureza do meio: limitações e possibilidades do rádio. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci. (Orgs.). Teorias do Rádio – textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2008.

LEITE, Patrícia. Luz Capital – o surgimento da televisão em Brasília contada a partir dos sujeitos da ação: uma história oral que morre diariamente. Brasília, 2009.

## **SITES**

AGÊNCIA BRASIL DE NOTÍCIAS. Rádio no Brasil completa 80 anos. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2002-09-10/radio-no-brasil-completa-80-anos-0>. Acesso em 20/06/2011.

AGORA ESPORTES. Presença de espírito. Coluna Crocodilo. Disponível em: <http://www.agoraesportes.com.br/html/piadas.asp?pagina=2>. Acesso em: 22/03/2012.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. Hot site 50 anos da Rádio Nacional de Brasília. Disponível em: <http://www.radionacional.am.br/>. Acesso em: 20/06/2012

ASSOCIAÇÃO BRASILIENSE DOS CRONISTAS DESPORTIVOS. Código de ética. Disponível em: <http://www.abcdesportes.com.br/codigo-de-etica/> Acesso em: 26/06/2012.

\_\_\_\_\_. Um pouco de cada um. Disponível em: <http://www.abcdesportes.com.br/2011/09/crocodilo-70/>. Acesso em: 21/06/2012.

UNESCO. 15 ideas on how to celebrate the Day Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/events/prizes-and-celebrations/celebrations/world-radio-day/15-ideas-on-how-to-celebrate-world-radio-day/>

Acesso em: 21/06/2012.